VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA
UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS: SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS
04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DOS SUJEITOS NEGROS NO INSTAGRAM: POR OUTROS MODOS DE (RE)EXISTÊNCIA

George Rodrigues Muniz[1]
Janaina de Jesus Santos[2]

Resumo: Com o presente estudo, tencionamos compreender a constituição discursiva dos sujeitos negros em enunciados. Para tanto, mapeamos enunciados racistas, patriarcais e práticas de resistência no século XXI, na rede social *Instagram.* Analisamos um enunciado do perfil @denegrindo_, analisando a narrativa de sobre(vivência) das mulheres de Zanzibar por meio do projeto *Panje* para aprender a nadar. Tomamos esse enunciado como resistência ao patriarcado e ao racismo por outros modos de (re)existência. Assim, fundamentamos nos referenciais teórico-metodológicos dos estudos discursivos foucaultianos e dos estudos culturais para traçar uma correlação entre sujeito, gênero, raça e identidade. Na analítica arquegenealogica foucaultiana, serão mobilizadas as noções de discurso, poder e corpo por Foucault (1987) e Veiga- Neto (1996); bem como as noções de negro, raça, gênero e identidade por Almeida (2019), Davis (2016), hooks (1994) e Gomes (2002). O percurso de mapear discursos racistas e patriarcais permitiu entender como as mulheres de Zanzibar são subalternizadas e submetidas a condições limitantes de acesso a educação por conta de seu gênero.

Palavras-chave: Corpo negro; *Instagram;* Práticas de resistência.

Abstract: With the present study, we aim to comprehend the discursive constitution of black subjects in statements. To do so, we mapped racist and patriarchal statements, as well as resistance practices in the 21st century, on the social network Instagram. We analyzed a statement from the profile @denegrindo_, examining the narrative of survival of the women of Zanzibar through the Panje project to learn to swim. We take this statement as resistance to patriarchy and racism through other modes of (re)existence. Thus, we ground ourselves in the theoretical-methodological frameworks of Foucauldian discursive studies and cultural studies to draw a correlation between subject,

[1] Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, DCH - VI/UNEB, Bolsista Iniciação Científica CNPq no Programa Institucional de Iniciação Científica, da Universidade do Estado da Bahia, participante do Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso - AUDiscurso/UNEB; munizgeorg1@gmail.com
[2] Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, DCH - VI/UNEB, líder do Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso - AUDiscurso/UNEB, atua no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade- PPGEL e no Programa de Pós- graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens – PPGCEL/UESB; jjsantos@uneb.br

gender, race, and identity. In the Foucauldian archeo-genealogical analysis, the notions of discourse, power, and body by Foucault (1987) and Veiga-Neto (1996) will be mobilized, as well as the notions of blackness, race, gender, and identity by Almeida (2019), Davis (2016), hooks (1994), and Gomes (2002). The process of mapping racist and patriarchal discourses allowed us to understand how the women of Zanzibar are subjugated and subjected to limiting conditions of access to education due to their gender.

Keywords: Black body; *Instagram*; Practices of resistance.

Introdução

Este estudo se desponta ao analisar práticas de resistência aos discursos do patriarcado e do racismo na rede social *Instagram*, em duas postagens feitas pelas páginas @denegrindo_ e @pretaeacademica, examinamos corpos de mulheres negras que foram violados em sua existência como sujeito e a resistência do movimento negro para desestabilizar discursos hegemônicos que estruturam os contextos institucional e midiático.

À vista disso, temos o objetivo maior de compreender a constituição discursiva dos sujeitos negros, por meio de práticas de resistência em enunciados da rede social, descrevendo os enunciados verbo-imagéticos e buscando elementos que materializem práticas de resistência a discursos hegemônicos. Logo, problematizamos: como são constituídos os sujeitos negros no *Instagram?*

Para tanto, fundamentamos nos referenciais teóricos dos estudos discursivos foucaultianos e dos estudos culturais para discutir estereótipos, práticas de resistência, na correlação entre sujeito, gênero e raça.

Tencionando atingir o foco central, este estudo está estruturado em cincos momentos, consistindo em reflexões teóricas acerca das noções supracitadas; em segundo momento, o percurso metodológico; em continuidade, resultados e discussões com análise dos enunciados; e, por fim, apresentamos as conclusões.

Reflexões teóricas

Consoante Veiga-Neto (1996, p. 46), assumimos que “[...] a linguagem é tida como o elemento suficiente pelo qual é possível enunciar proposições que, uma vez organizadas segundo regras lógicas, apreendem a realidade do

mundo natural e social". Assim, a linguagem no *Instagram* é materializada a partir de acontecimentos, que tecem os discursos e os sujeitos.

Consideramos, conforme as reflexões de Almeida (2019, p.22), que o racismo constitui uma forma ordenada de marginalização que utiliza a raça como base, e que, nas mídias, se evidencia por meio de práticas que podem resultar em vantagens ou desvantagens, tanto de maneira intencional quanto não intencional.

Nesse sentido, dialogamos sobre a mídia a partir de Borges (2012, p. 120), para quem ela "[...] pode ser considerada um agente/ fator fundamental na alteração do comportamento, interferindo inclusive no próprio processo de emergência da identidade". Central na sociedade atual, a mídia faz circular discursos que produzem os sujeitos, com destaque para os discursos hegemônicos. Daí, historicamente, a identidade do sujeito negro na rede social é constituída de estereótipos ligados ao contexto histórico de escravatura "[...] que tem a raça como fundamento" (Almeida, 2019, p. 22).

A identidade do sujeito negro é constituída à margem e, consequentemente, tem suas narrativas negadas e posicionamento "[...] ainda majoritariamente fora de espaços de poder" (Davis, 2016, p. 19). A feminista negra continua: "Para além de simplesmente ocupar espaços, é necessário um real comprometimento em romper com lógicas opressoras" e ampliar o horizonte identitário dos povos subalternizados historicamente.

Dessa maneira, compreende-se que os sujeitos e os discursos devem ser considerados em seus contextos históricos e sociais de formação, de acordo com as reflexões de Fernandes (2005, p. 16), visando a transição de uma sociedade focada em objetos para uma sociedade centrada nas pessoas, conforme apontado por hooks (2012, p. 42). Assim, é necessário rever "[...] a potência transformadora de novos/outros discursos para reposicionar o lugar simbólico e real da população negra no mundo" (Borges, p. 180, 2012), e consideramos as mídias digitais como lugar privilegiado para essa transformação.

Nesse contexto, selecionamos dois enunciados do *Instagram* "[...] para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso, objeto a ser focalizado para análise" (Fernandes, 2005, p. 15 – 16), como veremos no percurso metodológico.

Percurso metodológico

O estudo se define na seleção e análise de duas postagens das páginas @denegrindo_ e @pretaeacademica no *Instagram*, da qual recortamos enunciados menores, integrando texto e imagens, para compreender a constituição discursiva dos sujeitos negros em enunciados. Para tanto, mapeamos enunciados racistas, patriarcais e suas respectivas práticas de resistência no século XXI, na rede social. Por meio da abordagem discursiva foucaultiana, identificamos e analisamos os discursos materializados nos enunciados, bem como narrativas de práticas de (re)existência. Consideramos que um enunciado sempre evoca outros ao seu redor, com os quais produzem sentidos (Fernandes, 2005), analisamos dois enunciados dessa rede social, dentre esses, destacamos a página @denegrindo_, que traz em sua descrição enquanto objetivo de conteúdo digital: "*ressignificando o lado negro de tudo / Vamos denegrir o mundo".*

Modos de (re)existência

O espaço digital tornou-se ferramenta fundamental para mobilizar práticas sociais e de resistência a sujeitos historicamente silenciados. Entretanto, como se estabelece enquanto instrumento de disseminação, também é composto por concepções hegemônicas estruturalmente sustentada por estereótipos e preconceitos racistas. E acaba por se constituir em um suporte para discurso que reforça "[...] o estereótipo do não-lugar social imposto ao negro e impede que o vejamos como sujeito histórico, social e cultural" (Gomes, 2002, p. 5).

À vista disso, buscamos compreender a constituição discursiva dos sujeitos negros em enunciados. Para tanto, mapeamos enunciados racistas, patriarcais e suas respectivas práticas de resistência no século XXI, na rede social *Instagram.* O primeiro enunciado é a publicação do dia 31 de agosto de 2022, conforme mostrado abaixo:

Figura 1: Mulheres de Zanzibar aprendendo a nadar[3]

[3] "No arquipélago de Zanzibar a vida gira em torno da água. Aprender a nadar é vital e não saber dificulta até o acesso a educação. O continente africano tem os maiores índices de afogamento no mundo (SIC). Ainda assim, na aldeia local de Nungwi/Zanzibar, mulheres e meninas são desestimuladas a aprender ao menos o básico da natação, devido a ausência de roupas de banho específicas para a religião islâmica. O Panje Project (Panje significa peixe

Fonte: captura de tela da página do instagram @Denegrindo_ (2018).
Acesso: 13 de maio de 2023, às 10h40min

A composição da imagem evidencia os corpos das mulheres negras em conjunto, reforçando a perspectiva de coletividade entre elas. Ainda reforçando uma sororidade[4] no enunciado imagético, seus corpos estão lado a lado, na mesma direção e no mesmo sentido. Elas são companheiras de jornada, sobreviventes de relações de poder que as subalternizam.

Na captura de tela[5], as mulheres são demarcadas por uma roupa de cor amarela, utilizando-se de um vasilhame como boia para facilitar o processo de flutuação sobre as águas claras do mar. As roupas cobrem a maior parte do corpo, demonstrando mínimos processos de transgressão e "[...] de possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas" (Maciel, 2014, p. 2), uma vez que regras patriarcais islâmicas as impossibilitam o uso de trajes de banho. Desencorajadas a encarar o mar, são vítimas constantes de morte por afogamento. Isso confirma a atualidade do que Davis (2017, p. 3) diz: "[...] o patriarcado buscou engessar a mulher preta em um

grande em Swahili) tem fornecido roupas compatíveis com as crenças islâmicas, chamadas de Burkinis, possibilitando que essas meninas e mulheres se sintam estimuladas a aprender a nadar. Há informações de muitos líderes religiosos, absorvidos pela cultura patriarcal e visão machista, são contra esse projeto e tentam desencorajar as meninas e mulheres, com o argumento de que estariam desrespeitando as leis islâmicas. Pelo visto, não estão conseguindo impedir esse avanço.... Esse registro de 2016 é da fotógrafa e documentarista Anna Boyiazis e chama: "Buscando a liberdade na água". O Panje Project acredita que é um passo importante para a emancipação dessas meninas e mulheres. Projetos que promove o Empoderamento de um amigo ainda hoje oprimido grupo oprimidos" (Via página do instagram @Denegrindo_, acesso: 13 de maio de 2023).

[4] Definição: Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres. [Do latim soror, 'irmã' + -(i)dade.] Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade> Acesso em 17 de abril de 2024.

ambiente de submissão que não lhes permitia o agenciamento de suas próprias vidas".

São ensinadas a ter força, aprendem muito cedo sobre atividades laborais, contudo os saberes sobre seus direitos lhes são interditados, numa ordem machista que as coloca em espaços "naturalizados" para o corpo preto feminino, como nos explica hooks (2013, p. 240).

> [...] o enfoque dos privilégios de gênero na sociedade patriarcal acarretava, muitas vezes, um reconhecimento de como as mulheres eram privadas de certos direitos econômicos e, portanto, tinham mais probabilidade de ser pobres ou pertencer à classe trabalhadora.

Pensar nessas mulheres e colocá-las em contato com o mar compreendendo que é uma passagem para acessar a educação formal. É, para além de compartilhar saberes, proporcionar autonomia e possibilidades de resistência, mesmo que sutil, como assevera a feminista americana:

> Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais (Davis, 2016, p. 38).

Assim, o corpo da mulher negra se constitui como superfície para discursos racistas e patriarcais, que lhes limitam as práticas e horizontes identitários.

Considerações Finais

Selecionar e analisar os enunciados da postagem do *Instagram* possibilitou compreender a constituição discursiva dos sujeitos negros. O percurso de mapear discursos racistas e patriarcais permitiu entender como as mulheres de Zanzibar são subalternizadas e submetidas a condições limitantes de acesso a educação por conta de seu gênero.

Sua prática de resistência, como sujeitos no século XXI, perpassa por buscar caminhos alternativos para garantir a educação e a sobrevivência no mar. Trata-se de práticas para ressignificar existências para a liberdade, ou, nos termos de Veiga-Neto (1996, p. 50): "[...] a liberdade passa a ser a possibilidade de exercitar a atitude-limite como caminho para a crítica e para a

mudança”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane da Silva (Ed.). **Mídia e racismo**. ABPN, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MACIEL JR, Auterives. Resistência e prática de si em Foucault. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 6, n. 1, p. 01-08, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. **A ordem das disciplinas**. 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. Michel Foucault e os estudos culturais. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2004. p. 37-69**, 2004.